

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ATUALIDADES



...E AS FLORES SORRIEM-
-LHE, COMO QUE AGRA-
DECIDASI...

PREÇO AVULSO 1\$80 ~ 9 DE AGOSTO DE 1945 ~ ANO V-N.º 221

6

RAPARIGAS PARA UM FILME, PRECISAM-SE

ARTIGOS PARA SENHORA EM FINOS TECIDOS



Romberg - Georgette
Seda Mato
Seda Veneza
Ateligos em Malha
de seda

MODÉLOS ULTRA-MODERNOS — OS MAIS LINDOS
VISITEM A
CASA
Xanel
A. V. CONDE VALBOM, 84 — LISBOA

Desportos!

O esforço desordenado que os desportos exigem do organismo, necessita de ser compensado, proporcionando aos músculos e aos nervos o alimento adequado.



A força e resistência combatidas demandam músculos sólidos e potentes



A precisão dos movimentos obriga a uma concentração de todas as energias



A agilidade e a rapidez da acção exigem uma perfeita harmonia entre músculos e nervos



A elegância de movimentos requer a máxima elasticidade



O equilíbrio e a velocidade em baixas temperaturas produzem um maior gasto de energia



A velocidade exige um conjunto muscular resistente e bem tonificado



O impulso e a dominância requerem uma perfeita coordenação nervosa

A sensação de fadiga, a diminuição de força motora, de elasticidade nos movimentos, de agilidade, de energia, são os sinais de alarme pelos quais o organismo anuncia uma perda de resistência.

Se notar qualquer destes sintomas recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.

Um breve tratamento com 4 comprimidos diários, restitui-lhe o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico, tornando-lhe o desporto fácil, agradável e de uma real utilidade para a saúde.

Consulte o seu médico e peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero

A venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero
SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO



Cana Imperial



ao café



um copo



Se ao café nada o iguala no seu precioso aroma e no sabor, ao um copo de vinho, antes, ou após as refeições, e um excelente digestivo, acompanha as refeições de White & de no verão, um líquido refrigerante, especialmente quando beneficiado pelo frio. Sendo um produto da mais alta categoria, pode hoje ser servido quase ao preço dos vinhos vulgares. Mas se e não satisfazer a Velho ou a Extra-Velha, peça a Grande-Velha e terá fruído o produto mais delicado que jamais se lhe deparou. Pedir uma CANA IMPERIAL, e dar uma nota da mais requetida distinção

Distribuidores Açores-Mondego

J. SALLES CALDEIRA' L.ª

RUA ALVES CORREIA, 150 — LISBOA — Telefone 2.8757



MODERNIZE A SUA CASA DE BANHO
COM UMA INSTALAÇÃO DA FIRMA

Mármore Sousa Batista, L.ª

PRAÇA DO MUNICÍPIO 30
LISBOA ~ TELEFONE 2.7643

VIDA MUNDIAL
ILUSTRADA

DIRECTOR:
JOSÉ CANDIDO GODINHO
EDITOR:
PEDROSA MARTINS

PRÓPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL"
EDITORA, LIMITADA"

PRIMEIRA COLUMNA

SABER LÊR

Por ANIBAL NAZARÉ

LISBOA, menina amimada que bate o pé quando não tem os brinquedos que deseja e julga que vai morrer só porque se constipou com o ar do Tejo, resolveu, talvez para esquecer tristeszas com que sonha e pesadelos que adivinha, começar a ler, a ler apressadamente tudo quanto lhe vem à mão...

Já vem para a rua de livro marcado na página em que ficou na véspera. E lê no «eléctrico», no «táxi», na sala de espera do dentista—ou enquanto aguarda, na modista, a prova dum vestido. Chegou-lhe de repente o vício da leitura, como lhe chegaram o das palavras cruzadas, o do «swings» e tantos outros que menina Lisboa tem tido.

De apressada, nem escolhe as leituras que prefere. Livro que apanhe à jeito, não o lê, devora-o, que é uma maneira febril de ler—para logo esquecer o que se lê...

Se lhe perguntarem se gostou do livro que acabou de ler na véspera, diz que sim ou que não—como lhe dê mais jeito. Mas, a mor parte das vezes não se lembra—nem do título. Não lê por prazer nem por deleite:—lê por febre.

Devora livros sobre livros, romances sobre romances, com o febril interesse de quem pretende um *récord*.

Ora, parece-nos, agora que apanhámos menina Lisboa com esta mania de ler livros, é que era aproveitável e, dum maneira acertada e definitiva—obrigá-la a aprender a ler...



O Sr. ATLEE, SÓ PARA CONTRARIAR FAZ O «V» DOUTRA MANEIRA...

*** PANORAMA ***

PORTUGAL



O padre Miguel de Oliveira, redactor das «Novidades», foi recentemente agraciado com o grau de oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada, motivo porque lhe foi oferecido, por um grupo de amigos, o retrato a óleo, que reproduzimos, da autoria do pintor João Reis.

Também em Valega, Ovar, terra da sua naturalidade, o padre Miguel de Oliveira foi alvo dum a expressão homenagem, por motivo da passagem do 25.º aniversário da suaagração.

PORTUGAL



Fernanda de Castro, poetisa e escritora de rara sensibilidade, acaba de oferecer aos seus leitores um novo trabalho—novo elo a prendê-los à sua obra magnífica.

Maria da Luz—história de uma casa, é um romance que se lê dum trago, o melhor elogio que se pode fazer a uma obra desse difícil género.

A edição, muito cuidada, é da série A de «Contemporâneos», e tem curiosos desenhos de Manuel Lapa.

AMÉRICA



Embora não lhe pareça à primeira vista, isto é um *cartaz vivo de publicidade*, moderna invenção dum hoteleiro de Nova-York.

Quererá lê dizer na sua que os preços no seu hotel são tais, que os hóspedes acabam por sair de lá no traje primitivo com que apresenta as crianças?...

AMÉRICA



Betty Grable, que, como se sabe, brindou com um lindo filho o rei do trompete, Harry James, aparece-nos, nesta foto, envergando uma pitoresca e patriótica blusa, em que reúnio todas as insignias da armada americana.

Betty não descarta a sua publicidade, e sabe que uma «redeta», mesmo depois de ser mãe, tem sempre de arranjar novos motivos que justifiquem o trabalho dos fotógra-

fos...



SILVA TAVARES, FAZENDO A SUA CONFERENCIA SOBRE AUGUSTO GIL, NA SESSÃO DE HOMENAGEM AO POETA QUE SE REALIZOU NA CASA DO INSTITUTO DO PORTO, E EM QUE TAMBÉM INTERVEIO RECITANDO VERBOS, O ILUSTRE ACTOR JOAO VILARET.



PARDAL MONTEIRO FALANDO, NA S. N. DE BELAS ARTES, SOBRE «O PROBLEMA DA HABITAÇÃO ECONOMICA». O ILUSTRE ARQUITECTO OBEVE, COM A SUA CONFERENCIA, UM GRANDE TRIUNFO.

É ENORME O ÊXITO DO NOSSO CONCURSO

PRECISAM-SE

SEIS

RAPARIGAS ENGRAÇADAS
PARA O NOVO FILME

"MATINÉE ÀS QUATRO"

Um friso de gentis concorrentes: Maria Palmira Alves da Silva, Maria Júlia Pereira Ginestral Fontão, Espiridão da Silva Mergulhão, Maria Margarida Monteiro, Maria de Jesus dos Santos Duarte, Maria José Alves, Maria Noémia Nobre, Guilherme, Odilve Teixeira e Miriam.

CONTINUAM a chegar à nossa redacção inúmeras fotografias de concorrentes aos seis papéis do novo filme «Matinée às Quatro», reservados a leitoras de «Vida Mundial Ilustrada». Trata-se, como já dissemos, duma produção de ATLANTE-FILMES, realizada por Santos Meneses, com argumento, diálogos e versos de Aníbal Nazaré, canções dos maestros Raúl Ferrás e João Nobre e música de fundo do maestro Fernando de Carvalho.

Os seis papéis a que nos referimos, serão distribuídos, exclusivamente, por leitoras de «Vida Mundial Ilustrada» que entrem no nosso Concurso.

Mais uma vez lembramos que a foto pode ser do formato postal ou aproximado, e deve vir acompanhada do «coupon» que noutro local publicamos, completamente preenchido.

Começamos hoje a publicar as fotos das concorrentes, e, pelas de hoje, já o leitor facilmente avaliará o montão de caras bonitas que temos recebido.

Calculamos fechar o Concurso em fins de Agosto, motivo porque pedimos às concorrentes para se não deixarem ficar para o fim...

(O "COUPON" DE INSCRIÇÃO VEM NA PÁG. 16)

NOTA
DA
SEMANA



Norma Shearer, que foi, há alguns anos, uma das favoritas do mundo, está praticamente retirada do cinema. A objectiva do fotógrafo surpreendeu-o, ao lado do seu marido, Martin Aronow, no noite de um estroio de gala, a favor do «Naval Aid Auxiliary». E temos que concordar que está linda como nunca!

Nem mesmo no cinema «cêles» a deixam... Dorothy Lamour, com «sorongos» — bem entendido!... — assiste à estreia de um filme. Bob Hope, no fila de trás, dá uma gracinha, que «Dotties» comenta com uma gargalhada. A seu lado, o cavalheiro adipsa que a acompanha, li-vra-se a olhá-la de soslaio, com pena, possivelmente, de não a saber fazerrir assim...



O sr. Aníbal Contreiras, em entrevista concedida a «Primer Plano», afirmava, com referência ao cinema português em face da Espanha:

— Ouvi falar no que se tem projectado em Espanha, e as películas portuguesas que cá vierem nunca deveriam ter saído de Portugal. Extremamente, mas tão íntima, que a ninguém devem entrar-se os resultados. Digo-lhe sinceramente que as produções feitas até hoje, salvo «Um Homem de Ilhéras», filme extralido, por tal stinal, de uma obra espanhola, e que foi dirigida por César Sá (sic), nenhuma deverá apresentar-se fora das nossas fronteiras.

Muito embora o sr. Aníbal Contreiras se tenha referido, numa reciprocidade justíssima, aos filmes espanhóis que não deveriam ter vindo para Portugal, parece-nos que o balanço da nossa produção é demasiado pessimista. Com efeito, estamos convencidos de que «A Canção da Terra», «Aníbal Bobó», «Ala-Arriba» e «Pátima, Terra de Fé», não nos envergonham no país vizinho, sobretudo se pé da grande maioria de filmes que ali se produzem.

É certo de que se nos afigura preferível um critério apertado, e recíproco, no que se refere à selecção de filmes a exportar. Sobretudo porque temos a certeza de que os estúdios espanhóis não têm mandado um número de maus filmes incontrolavelmente mais elevado do que aqueles que nós exportamos. Com uma vantagem ainda: a de que nós não usamos, nas críticas, a «frangueira» que eles deram provas em relação ao «Costa da Castelo»...

O CINEMA A MÃO FOIA

LOURENÇO MARQUES

LOURENÇO Marques acaba de viver dias festivos, assinalados por cerimônias de transcendente significação. O sênior do Ministério das Colônias constituiu, só por si, motivo de júbilo para os portugueses do Ultramar e, nomeadamente, para os de Anólia e Moçambique, que receberam aquêle membro do Governo com manifestações inequívocas de fé patriótica. Dois acontecimentos avultaram, pela sua importância, no decorrer das jornadas do dr. Marcello Caetano, pelas terras portuguesas de África: a inauguração do porto de Luanda e a comemoração do cinqueterário do Caminho de Ferro de Lourenço Marques-Pretória. Se o primeiro teve a sua maior projecção no plano nacional, o segundo afirmou-se, sobretudo, no campo internacional. A visita do Marechal Smuts à capital da Província de Moçambique e a presença do sr. Ministro das Colônias em Pretória ficam como demonstrações inconfundíveis da política de boa-voizinhança, para além das fórmulas estritamente protocolares. Portugal e a União Sul-Africana mantêm as mais amistosas relações, vivem em paz e dão assim um nobre exemplo ao mundo.

Os jornais puseram em destaque o significado das afirmações e publicaram extensos relatos das cerimônias que marcarão esta jornada de amizade entre Portugal, velho plênico da colonização, e a União Sul-Africana, e próspera nação da comunidade britânica. E referiram ainda que quando o marechal Smuts, ostentando a Grande Cruz da Torre e Espada, conferida pelo Governo Português, se retirou para Pretória, 4.500 soldados do Império prestaram-lhe honras militares.

Tudo isto é do conhecimento dos leitores. E se evocamos as fozes capitais destas jornadas de aproximação entre Portugal e as suas Províncias Ultramarinas, é apenas para lamentar que o cinema não haja estado presente em Moçambique — e que, no momento em que as actualidades nos falam de tudo o que vai pelo mundo, as saias portuguesas não possam dar nos seus telas o espectáculo reconfortante dum Império prestigiado e engrandecido, nas suas realizações materiais e no respeito que inspira com ele confiamos.

Com o porto de Luanda — afirmam os próprios jornais ingleses — Portugal dispõe hoje dos três melhores portos africanos. E, no entanto, para quem aprecia em toda a sua grandeza, as obras levadas a cabo, teremos de nos contentar com as pitidas imagens da imprensa diária. Para sentir o entusiasmo das jornadas de Moçambique e avaliar o brulho de que se revestiram, nada mais se nos oferece do que os relatos dos jornais, por intermédio das notas recebidas pelo telégrafo. A história dos nossos dias escreve-se no «celuloso». E, na realidade, não faz sentido que tendo nós tanto de nos orgulhar, tanto que mostrar à pátria e ao Mundo, os nossos cineastas, por falta que se lhes não pode imputar, se limitem ao noticiário estrangeiro, e estejam privados de mostrar as imagens que documentam os fatos nacionais. O cinema não esteve em Moçambique! Omalé seja a última vez que tal aconteça.

FERNANDO FRAGOSO

“A BISBILHOTEIRA” DE EDUARDO SCHWALBACH NO CINEMA

Segundo Informam de fonte fidedigna, Letão de Barros, após o «Tínica Fortes dirigirá «Escândalo em Férias», versão cinematográfica da peça do Mestre Schwalbach. «A Bisbilhoteira» do nome prestigioso de Palmira Baston, que assim se encontrará como vedeta de cinema.

Os trabalhos preliminares tomados de vistas, ilustres encontram-se em claro — em meados de andamento, devendo a

A HISTÓRIA DE CLARK GABLE

O MAIOR GALÁ DO CINEMA AMERICANO — CABE DENTRO DE NOVE IMAGENS! NO MOMENTO EM QUE A AMÉRICA ANUNCIA O SEU REGRESSO AOS ESTÚDIOS, VALE A PENA EVOCÁ-LA, QUANTO MAIS NAO SEJA COMO HOMENAGEM AO HOMEM E AO ARTISTA — EM TUDO DIGNO UM DO OUTRO, E DA CONSIDERAÇÃO QUE O PÚBLICO LHE VOTA.



Nasceu em Cadiz, no Estado de Ohio, a 1 de Fevereiro de 1901. O pai chamava-se William Hershelman. A mãe, Adeline Gable. Aos quinze anos, tal como a gravura nos mostra, era um rapazinho desleitado, que tinha a ambição de ser médico. O pai, porém, depois de ter abandonado a casa paterna, em busca da aventura. Começou pouco a pouco a trabalhar em lojas e acabou por ser notado por um adestrador de talentos da Metro. E assim se lhe abriram as portas da cidade mágica — Hollywood.



O seu primeiro filme foi «The Painted Desert», em 1930. Mas outros se seguiram imediatamente. Destacamos, «Grandeza e Decadência de Susan Lennox», com Greta Garbo. Em 1932, interpreta «Terra Abrazadora» (Red Dust), ao lado de Joan Harlow. Formosa e par amoroso mais ardente que jamais surgira no cinema. Aquêl filmé é apontado como um autêntico «perigo público». É a consagração como galá. Entretanto, casou-se com Rhea Langham, muito mais velha do que ele, sem vislumbres de beleza. As esternas contradições da vida...



1933 é uma grande data na existência de Clark Gable. Encontra simultaneamente, o papel que o consagrará oficialmente e a mulher, que havia de amar até à morte, divorciado de já, claro está, daquela que pela primeira vez o levou ao altar. A maior oportunidade da sua carreira surgiu, com efeito, em «Uma noite aconteceu», de Frank Capra.



...chamava-se muito simplesmente Carole Lombard. Era oito anos mais nova do que ele. Uma repartição estranha, vulgar, que conquistara em Hollywood, a fama de exibir uma personalidade desmazeladamente marcada. Carole tinha uma beleza estranha, a despeito de haver ficado irreconhecível num desastre de automóvel. A cirurgia plástica operara milagres, reconstruindo o seu rosto, como se fosse um «puzzle».



A accidentada carreira de Clark Gable entre o seu divórcio e o encontro com Carole, findou como por encanto. Clark Gable finha por ela uma adoração, sem limites. Carole era a sua mulher legítima — e a mais espontosa camarada que ele poderia sonhar.



Entretanto, David O'Neilnick emprede o maior filme de todos os tempos: «É tudo o que vejo levou». Organiza um esquadrão monstro, para escolha de intérpretes. Surge imediatamente um actor indistinctível: Clark Gable para o papel de sedutor aventureiro «Rhet Butler».



Pauli Harbour. As vedetas empreendem a campanha em favor da venda dos títulos de empréstimo de guerra. Entre todos, Carole é a mais entusiasta. Um dia, porém, chega a notícia brutal: «O avião em que ela seguia caiu. Todos os passageiros pereceram». Dias depois, por ocasião do «entrate» os fotógrafos colhem este instantâneo — o mais dramático momento da vida do galá.



Clark entende que lhe cabia tomar, nas fileiras, o lugar que Carole lhe deixara vago. Alísta-se, então, como voluntário. Perde os 3.500 dólares que a Metro lhe atribuiu por semana — e passa a ganhar os 66 por mês que Tio Sam paga aos seus recrutados. Em Miami, no campo de «entrate» Militar, presta juramento perante o seu comandante, o Coronel Adress.



Gable vai sobre a Alemanha, em perigosos trajectos, que desafiam o poderio da «Luftwaffe», então no auge da sua força. Ganha medallas. E regressou há pouco à América, com os louros conquistados no teatro europeu. Agora vai despir finalmente esta farda por espaldas. O estúdio espera-o.

HISTÓRIA

DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXVII A GRANDE OFENSIVA DOS ALIADOS



FERNAND BONINER DE LA CHAPELLE, DE 21 ANOS — O ESTUDANTE QUE MATOU DARLAN

A transmissão de poderes que, dando satisfação aos escrupulosos de legalidade dos chefes militares e dos altos funcionários civis que prestavam serviço no Império francês do norte de África, permitiu que o almirante Darlan valorizasse imediatamente a sua posição pessoal e ficasse em condições de negociar, em pé de igualdade, com os americanos, foi efectuada por intermédio de duas proclamações, uma do general Nogué, Residente Geral em Marrocos, em quem o marechal Pétain delegara os seus poderes na ausência de quem Darlan estava impossibilitado de cumprir a sua missão, e outra do próprio almirante.

A proclamação de Nogué dizia o seguinte: «O marechal Pétain designou-me, em 10 de Novembro de 1942, antes da entrada das tropas alemãs na zona livre como seu delegado no Norte de África, pensando que o almirante Darlan deixara de estar em liberdade. Viem à Argélia e

verifiquei que esta suposição deixara de corresponder à realidade, e que o almirante tinha os seus movimentos livres. Tive também ensejo de verificar que era perfeita a nossa identidade de pontos de vista quanto à condução a seguir no Norte de África. Nestas condições, em nome do marechal e de acordo com ele, deponho os poderes que havia recebido nas mãos do almirante Darlan e coloco-me às suas ordens».

A proclamação que em seguida foi publicada pelo almirante Darlan, em resposta à primeira, dizia: «Habituados da África do Norte francesa. O marechal Pétain designara o general Nogué para exercer as funções de seu delegado em África, no dia 10 de Novembro de 1942, antes da entrada das tropas alemãs na zona livre do território da metrópole, julgando que eu me encontrava privado da minha liberdade. O general Nogué veio a Argel e, em pleno acordo com ele e a seu pedido, assumi a responsabilidade de dirigir os interesses franceses em África. Tenho o assentimento das autoridades americanas, com as quais conto para assegurar a defesa da África do Norte».

Assim tudo se passou no meio da ordem e da legalidade mais perfectas. Darlan, delegado do marechal para a África do Norte, fora feito prisioneiro pelos americanos. Nogué, por determinação de Vichy, substituiu-o para poder resistir ao desembarque. Entretanto, Darlan recuperou a liberdade e reassumiu as suas funções, mais desta vez com o apoio total dos chefes militares aliados que tinham visto realizados os seus objectivos.

O ALMIRANTE ENTRE A VIDA E A MORTE

Durante quarenta e dois dias, com surpresa geral e no meio de protestos compreensíveis, sobretudo daqueles que se consideravam logrados pela manobra legal que se desenrolara no Norte de África, o almirante Darlan assumira a plenitude do



O ALMIRANTE DARLAN NA SUA BIBLIOTECA PARTICULAR

poder naquela valiosíssima parcela do Império francês com o apoio total das autoridades aliadas de quem passara a ser um homem de confiança.

A réplica alemã não se fez tardar, como adiante veremos, pela ocupação efectiva da zona livre da metrópole, delimitada nos termos da convenção de armistício de 22 de Junho de 1940, e por um desembarque na Tunísia de forças aerotransportadas que tinham por missão assegurar, rapidamente, a posse dessa testa de ponte no Norte de África até que a chegada de reforços permitisse ao Estado-Maior alemão enfrentar as consequências gravíssimas que, sob o ponto de vista estratégico, resultavam do desembarque dos Aliados.

Os alemães passaram a referir-se a Darlan nos termos mais violentos, recordando a sua atitude colaboracionista e a sua hostilidade invariavelmente afirmada em relação à Grã-Bretanha. A posição do almirante não era melhor perante os franceses livres que em Londres imediatamente fizeram conhecer a sua oposição a qualquer entendimento com uma personalidade que, aos seus olhos, simbolizava o espírito de transigência e de colaboração como inimigo.

O governo de Darlan seria, assim, assinalado por uma série de incidentes penosos que tornaram sempre precária a sua acção, e dos quais o mais trágico foi a morte do almirante

ocorrida no dia 24 de Dezembro de 1942, em condições que nunca foram completamente esclarecidas.

A ACÇÃO DE DARLAN DURANTE O PERÍODO DO SEU GOVERNO

A acção do almirante Darlan durante o período em que dirigiu o governo no Norte de África desenvolveu-se e o atentado de que foi vítima entre as hostilidades dos americanos. Em 8 de Novembro Darlan deu a primeira ordem para a cessação das hostilidades em Argel e iniciou as conversações com as autoridades norte-americanas desembarcadas. No dia seguinte chegou a Vichy a informação de que ele fora feito prisioneiro, e o marechal Pétain designou o general Nogué para o substituir como seu delegado naquela região. Mas a 10 já a atitude do almirante começara a suscitar as mais justificadas dúvidas em Vichy, e sobretudo entre as autoridades de ocupação alemã em França. Embora a sua posição ainda se não encontrasse completamente esclarecida, as estações de rádio alemãs iniciaram uma vigorosa campanha contra o almirante, a quem acusavam de traição. Em Washington foi dada a notícia de que Darlan era considerado hóspede de honra do general Eisenhower, e a revelação dessa notícia

(Continua na página 16)



O GENERAL NOGUÉ E A SUA CHEGADA A LISBOA DEPOIS DE TER ABANDONADO MARROCOS. TEMPO DEPOIS DO DESEMBARQUE NORTE-AMERICANO NO NORTE DE AFRICA



UM ASPECTO DO PORTO E GRANDE BASE NAVAL FRANCESA DE TOULON



JORGE DE FARIA

CRITICO
TEATRAL E
PROFESSOR
DE INVULGAR
CULTURA,
DEMITIU-SE
DO CARGO DE
DIRECTOR
DA SECÇÃO
DE THEATRO
DO CONSER-
VATORIO

SE o leitor é dado às coisas teatraes conhece, por certo, o dr. Jorge de Faria, crítico de teatro, professor da Escola de Arte de Representar e pessoa modesta por temperamento, que só para o ensino e para as questões de teatro parece viver.

Não admira, pois, que, ao recebermos a notícia de que o ilustre professor se demittira do cargo de director da Secção de Teatro do Conservatório Nacional, o procurássemos a fim de avaliarmos dos motivos que o levaram a tomar tal decisão.

O dr. Jorge de Faria, porém, apesar de nos receber amavelmente, não parece disposto a falar.

Explica-nos que, embora se tenha demittido do lugar de director da secção de Teatro, que occupou há mais de dois anos, pela saída de Carlos Santos, continuará a ser professor e, sobre as razões do seu pedido de demissão, apenas nos diz:—Motivos de vária ordem impediram-me de exercer, com effiçencia, o meu lugar—eis tudo!

Ora este tudo do dr. Jorge de Faria era, para nós, muito pouco e, para os nossos leitores, uma affitiva insignificância. Que nos perdoe, pois, o ilustre professor, o termos, após lhe apresentarmos as nossas despedidas, com o melhor sorriso de resignação de que dispunhamos no momento, ido procurar, a outras fontes, os tais motivos que o não deixavam exercer, com effiçencia, o seu lugar! Mas o dr. José de Faria também é jornalista—e sabe o que estas coisas são...

Afirmar que nem tudo está certo na nossa Escola de Arte de Representar é revelação da prejudicial mania de fazer affirmações inúteis.

Mas pode, por exemplo, e varia pasmos dos que o não sabem, dizer-se que os alumnos finalistas que, há dias, prestaram provas no Nacional, tomaram nessa altura, e ao fim de três anos de curso, o seu primário contacto com o público! Esses alumnos têm de pedir licença superior para actuar no Cinema, na Rádio—e no Teatro só podem trabalhar depois do 2.º ano. Mas provejam audições, em que se habituem a encarar o público, não têm.

Parece que, apesar de fazer parte do contrato do Nacional a cedência gratuita para as audições de alumnos, o Conservatório não dispõe de verba sufficiente para arcar com as despesas dessa cedência gratuita. E lá dentro do Conservatório não há teatro—pelo menos por estes anos mais próximos.

Também não deve estar certo que as aulas da secção de Teatro do Conservatório se realizem so de manhã, a partir das nove horas. Alguns alumnos moram longe, e na cadeira de Arte de Representar, por exemplo, não se perdía um minuto...

Mas um:—O alumno Rui Ferrão não pôde fazer a cadeira de Arte de Representar. Perdeu o ano por faltas, por ter ido trabalhar ao Pôrto, integrado numa companhia, depois de para tal ter sido autorizado superiormente... O professor respectivo podia ter pedido ao Conselho para relevar as faltas—mas não o fez...

Felizmente, Rui Ferrão tem quatro anos de discípulo e pode tirar a sua carta—á margem do Conservatório.

Leiam agora:—Para o ano, não há exames do 3.º ano! Não há exames—porque não há alumnos! Que é d'isso? Aborreceram-se—e foram saindo!

E este ano não houve exames de Arte de Dizer—dito que apenas se apresentaram duas alunas do Curso Especial—só matriculadas em Arte de Dizer.

Do Curso Ordinário—não há quem queira dizer nada em frente do júri...

Ora nós sabemos que, na Secção de Teatro do Conservatório há, além do dr. Jorge de Faria, a quem já nos referimos, outros professores de indiscutível categoria: Maria Matos, professora de Arte de Dizer, está a trabalhar com vontade, sabe

ensinar e sabe o que ensina. E não deve fazer aqui ser-se por autêntico amor à Arte... de dizer. Parece que ganhava 780800 e agora ganha 1.000800! Um ordenado! Alves da Cunha está a prestar provas notáveis a dar o melhor do seu talento e do seu esforço. O seu «Curso de Epauchação», não existia. Era um Curso especial, hoje, nos termos da lei, só é dado a portugueses e estrangeiros de notável destaque. Trata-se, pois, duma justíssima honra pessoal, a que o ilustre artista tem sabido corresponder com notável agrumo, e apresentando os mais brilhantes resultados—os três primeiros alumnos com diploma de encenadores saem este ano: Emília Duque, Rui Ferrão e Pena Santos.

Giho Saviotti, professor de Estética Teatral (parte teórica); pode dizer-se que é um apaixonado pela sua cadeira e, sem favor, que alla a uma notável e excepcional cultura artistica a mais rara noção de «como devem ensinar-se futuros artistas».

Mas o zelo e sacrificio de alguns professores não bastam...

A reforma feita em 1901 por Mestre Schwalbach, que ficou como Inspector, dividiu em duas secções inteiramente separadas—até com secretarias aparte—os cursos de Música e Teatro.

O primeiro director da Secção de Teatro dessa reforma foi o ilustre escritor D. João da Câmara. Seguiram-se o dr. Júlio Dantas, Mestre António Pinheiro, Hippólito Raposo, Carlos Santos e, ultimamente, o dr. Jorge de Faria.

Sem «chiques»—hoje, D. João da Câmara estaria subordinado, em questões de Teatro, à opinião do mestre—que, aliás, poderia ser muito distinto como é o caso do dr. Ivo Cruz.

Farves-nos que até o leitor mais leigo no assunto concordaria connosco em que estava certissima a reforma de Mestre Schwalbach, grande, enorme homem de Teatro, quando dividiu o Conservatório em duas secções inteiramente independentes...

Falase numa nova Reforma. Irá, mas uma vez, provar-se que vale a pena voltar atrás?

Farves, aliás, que foi esse o pensamento de Garrett:—um inspector e dois directores, e, até há pouco, foi assim.

No Concurso de Amadores Dramáticos, há pouco realizado por iniciativa da Secretaria do Conselho Nacional de Cultura, verificou-se a existência de amadores cheios de pratica e de habilidade, mesmo sem terem cursado o Conservatório, que,

(Continua na página 16)



Os 3 alumnos que terminaram o curso de encenação do Conservatório Nacional, sob a direcção do professor Alves da Cunha



NOVELA INÉDITA DE ANGÉ MAURICE VERNE

Inconcebível! — dizia altivamente a senhora Quesnoy. — Aquel era o que resultou da educação desportiva que o teu pai te deu...

Mas o pai, o riquíssimo Quesnoy, da antiga linhagem dos senhores da banca, protestava: — De-lhe uma educação desportiva, mas não uma educação de nómada.

Na verdade, Chantal, a filha de ambos, a acusada, dominava a equitação, o automobilismo, as corridas de vela, ganhava partidas de tennis e de sports, praticava trapézio e as argolas.

Nesse dia, com dezeto ano, no ar da sua entrada na sociedade, declarava, sem cerimónias, aos pais, no salão fastuoso onde se alinharam os retratos dos antepassados:

— Quero ser artista de circo, quero ser voadora! A senhora Quesnoy ergueu as mãos patricias para a abóbada:

— Circo! Voadora! Chantal afastou a mecha loira, que lhe caía sobre os olhos garços, e acrescentou: — E apenas passar de um banco para o outro... — que os deuses multicores quiseram que o mundo do circo se chamasse também o banco.

Saltu in banco — resumiu-o o sr. Quesnoy. E nada conseguiu.

— Pois bem! Vai para o circo, já que isto te agrada. Mas se um dia tiveres barraca nas feiras, não contes comgo para tocar tambor nem com tua mãe para tocar cornetim à entrada...

O que os pais não suspeitavam é que ela queria ir ao circo por amor. Serão tão prestigiosos esses homens, essas mulheres que voam, quando, de mãos espalmadas no vácuo, impelidas em flecha, se lançam de trapézio em trapézio, desenhando simetrias em secante à luz dos feixes luminosos dos projectores?

E o mais irresistível de todos seria esse contínuador dos Dodonas, celebrado por poetas e esboçado por pintores, príncipe do circo universal e do circo de elite, esse Ange Profugi, semelhante a um deus olímpico reincarnado na carne viva, ombros quadrados, bacía estreita, cabeça de Apolo, cabelos de um negro azulado?

Os Profugi, de origem lombarda, andavam na pista desde o século XVIII, tinham tido todos os papéis desde o equilibrista a cavalo, tido imperioso como o voador, até ao faz-tudo, motivo de gargalhadas. Pelas suas alianças, pelas suas ligaduras, pns nascidos nas casas rotantes, outros nos hotéis de passagem, misturavam nas veias todos os sangues das raças de Israel. Um só laço: a pátria-circo. Ange Profugi arrastava com indiferença os corações femininos no eterno circuito dos contratos. A companhia era composta por sua mulher, Rita, vinda de Viena, por uma das irmãs, Laila, pelos seus dois irmãos mais novos e discípulos das mais diversas nacionalidades.

Dez artistas do ar, em excelente equilíbrio de músculos e de nervos, deslantes, rápidos, vendendo os saltos perigosos no espaço sem presunções, a uns quinze metros dos espectadores de todos os países.

Quando Ange viu entrar no seu camarim do Medrono aquela pequena decidida, cujo ar desportivo o interessou um momento, procurou, instintivamente, a fotografia a observar. É o costume. Chantal impediu-o com um gesto, e sem hesitações:

— Quer-me como discípula, sr. Profugi? Já comecei pelas argolas e pelo trapézio aos dez anos, mas não como espectáculo...

O homem encolheu os ombros. Ela falava dessa miserável ginástica das crianças que nada vale.

— Onde vem? Não é de arte, profugi? Não.

E levantou-se no seu humilde roupão de tecido grosso debruado de cor-de-tijolo. Chantal compreendeu que éle a despedia. Pô-se em frente da porta:

— Não me mande embora, sr. Profugi. Não sou, de certo, de arte mas...

E, por súbita imaginação, exclamou: — Tenho de entrar para a arte porque sou pobre e não tenho fama, porque sei bem que não poderia fazer outra...

A menina fazia-a corar, o que a tornava mais sedutora ainda.

— Olhe que a vida é áspera, e não há seguro contra os golpes duros...

— Já escolhi — atalhou ela, resoluta.

— Ora, ora... bonita como é...

— E pouco, pouco, ela fitou-os nos olhos.

— O senhor é bonito, é...

O homem ficou espantado. Só lhe interessavam a saúde e o treino.

— Bem. Vou pensar.

Pensava que sua irmã Laila em breve o deixaria para casar com um dos Almos, outra família de trapézistas. Durante todo o contrato da Companhia Profugi, todas as noites, todas as manhãs, lá estava, no Medrono, uma rapariga que se fazia humilde, trabalhando como um estudante se as figuras do teorema adre, pois o vó é apenas uma seqüência de números, graus e geometria correspondentes, como aquela que Henri Poincaré expunha na pedra...

— Que quere essa pequena, que anda em volta de nós como um cão vadio? — perguntou Rita, a mulher sempre alerta com a carcaça de amor que escreviam ao marido e que el' rasgava. Harmôniosa, brilhante, Rita, filha de um equilibrista do arame, rai-se das rivais.

— É isso mesmo. Um autêntico cão vadio — respondeu Ange. Não tem um ceíll, não tem família, e quere entrar para a Companhia...

— É bonita, mais que bonita, e eu desconfio das raparigas bonitas... Nunca fiando...

E ria, desdenhosa. E Ange ria com ela, pobre diabo de hábitos patriarcaes. Tinham dois garotos que cercavam as noites, ensinavam já o ABC do Banco, isto é, as deslocações, o salto mortal, a posição em equilíbrio sobre as mãos, as casas operativas para continuar a dinastia. O semi-deus era um homem pacato, amigo da casa, da casa rotante e claro.

— Admite-se se parece capaz de substituir a Laila...

A vontade de Chantal triunfava mais uma vez. E a foi com os nómadas, mudando de terra de quinze em quinze dias, refazendo, de hotel em hotel, o lar de acaso.

Chantal, extenuada, quebrada pela aprendizagem selvática, amaranhada pelos mil pormenores de um sul de saltimbancos, tudo suportava.

Fechada, silenciosa, embriagada no seu amor secreto, contentava-se em viver perto daquele deus indifferente e recebendo, como aluna aplicada, as lições que éle lhe dava.

Que deceções quando, vestindo o pobre smillota de treino, cheia de frio, falhava alguma pirueta e ficava pendurada no espaço! Um dos irmãos de Profugi, puxando a corda, mantinha-a como afogada tirada de um poço.

— Mas, um locudinho, e isso vai — gracejava a Laila.

Sentia-se emagada contra as bancadas do circo; olhava as palmas das mãos, esfriadas pelo trapézio. E era fella. Sessão após sessão, mais resoluta era nella, forma de se largar quando o trapézio descaía com o trapézista que a prendia as mãos fazendo coincidir as letas da velocidade e as da distância. As suas presenças eram perfeitadas. Tinha aprendido.

— Já me posso casar — dizia então Laila, impaciente por encontrar de novo o seu camarim.

Não no circo Busch, em Berlim, que os irmãos de Profugi tinham a meira largada perante o público como ave não heast!... Os irmãos de Profugi, Chantal cumpris, mais sentem o coração bater mais. Era uma estrela... E calma, serena, a senhora Chantal cumpris.

Depois do número entre bastidores, beijaram-se uns aos outros. Puseram os braços de Laila, a feto de viagem, porque partia semessa mesma noite, para o sul de Rita. Por fim, Ange abraçou também. E sentiu-a estremece sob o seu beijo casto.

— Um beijo de uma seca! — gracejou éle.

É descobriu que ela o amava.

Rita sentenciou gravemente:

— Tornaste-te artista, não o es queças, é um baptismo...

Chantal surpreendeu uma sombra nos olhos da Venus Virmenes. Era igual a agora.

Artista! Como ela o tinha sonhado! E, contudo, sentia agora que a Companhia se erguia diante dela opoñdo-lhe uma barreira...

Longe de lhe darem lugar, parecia que se juntavam contra a intrusa. Suspeitavam dela. Chantal, sentida, cada vez mais metida consigo, sofria...

Por acaso, no dia da chegada a um novo circo, uma sexta-feira, dia fatídico de mudanças de programa, quando se passava a zerro eléctrico os emallotos amarratodos, ouviu-a dizer a um dos clunhados:

— Esta rapariga não é dos nossos; pode trabalhar como e onde quizer; nunca o será. Mentiu. é uma mentirosa...

Chantal sentiu vacilar tudo em sua volta.

— Ela sabe...

Falava-se, então, de partir para uma etournee de dois anos, América do Norte e do Sul. Perdeu a cabeça.

— Não me levarão...

Daí a pouco, Ange encontrava-o no camarim que lhe tinham dado, com as malas fechadas, abastida, com a cabeça apoiada no tocador, a soluçar.

— Que aconteceu?

Ergueu-a, convulsiva:

— Ange, é melhor que eu deixe a Companhia.

E humilmente, confessou-lhe a verdade. Sim, tinha mentido, tinha-se enganado. Ele ficou espantado, um tanto cômico, passando na sua lealdade.

— Eles desprezaram-me, Ange. Ela principalmente. Qualquer dia expulsam-me...

Ange reflectia; ela, maquinalmente, começou a preparar as suas coisas.

— Não — disse éle por fim. Ficará, vivs conosco. Ninguém é importa com os teus milhões...

Chantal cruzou as mãos, como que maravilhada, com a gratidão de uma criança.

— Se quero que não te vás embora — voltou éle na sua linguagem desajeitada — é pela mesma razão que te trouxe para aqui! Comentes? Para que havemos de estar com mais coisas?

— Amos!

E abraçou violentamente:

Chantal nem procurou conter as lágrimas que se lhe colavam às madeixas despeteadas — lágrimas de alegria súbita.

— Bem sabe que fiz tudo isto porque o amo, Ange...

E beijaram-se longamente.

A mentira não vinga facilmente num melo onde, enganando as forças más, se vive, a bem dizer, entre o céu e a terra. É preciso uma persistência um tanto animal e ausência de muitas subtilidades. E agora éles mentiam!... Não via ela, com uma espécie de terror, descorar-se aquela bela certeza do moral e do físico que a profissão do temerário exige. Assim, ela apenas lhe trouxera desequilíbrio e pior do que isso, o perigo de si próprio.

Rita andava em redor d'ele como uma loba. Estava no corrente; os companheiros murmuravam. Pesava sobre todos uma atmosfera de temporal. Os nervos de Chantal estavam na última.

O último contrato do continente levou-os a Lisboa, onde deviam embarcar para a América do Sul. Na noite de despedida, a três dias da partida,

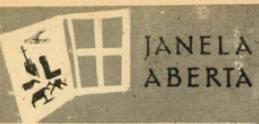
(Continua na pág. 14)





AVENIDA CASAL RIBEIRO 14-5º ESQ.
TEL. 40871





JANELA ABERTA

A PROPÓSITO DE PENTEADOS

VERDADERA revolução, no mundo feminino, a moda do cabelo cortado—insperadamente atraída sobre a humanidade por uma cabeça frívola e loura chamada Hayez. Diz-se ter sido uma penitência, dessa linha rapariga, ostensivamente valdoisa nas longas tranças caídas e onduladas sobre as formosas espaldas, por o Senhor lhe ter roubado, numa assentada, o triplice amor—três cadetes de marinha—com que mantinha deliciosos efflirts, em Biarritz. O facto foi consumado pela impáctiva tesoura do barbeiro.

Dum golpe certeiro as lindas madeixas rolaram no chão. Sabese que pesavam três quilos e seiscentos e vinte grammas—contas redondas três quilos e meio, bem pesados, como diria o magrefo ao servir a alcafrã. De cabeça rapada, isto é: aliviada daquele péso, a mulher achou logo ligeireza e movimento na nuca.

E assim, a curiosidade feminina tornou-se uma arma perigosa de que o homem tem de fugir coraçoado e armado, como um guerreiro da idade média.

Que ganhou a mulher, cortando o cabelo? A emancipação da sua curiosidade. As tranças eram, até certo ponto, uma prisão. Não podia mexer a cabeça com aquelles torcidos e frisados fios de cabelo, que, pela arte que revelavam ao rololar, exigiam um trabalho de insana ciência.

Outras cabeças exhibiam, apparatusmente, os célebres carrapitos—três andrões, verdadeiros consas cabecias, que poderiam servir para discretos transportes. Os carabinheiros deixaram passar, innocentes num officio de alho aberto, contrabando na fronteira, por espanholas gárrulas que enrolavam sédas debaixo dos espessos e improfundáveis carrapitos.

Sabese que uma dama espanhola, que usava um metro de cabelo com deum doido orgulho, chegou a transportar, na elegante cabeceira, uma dúzia de lenços, tabugo e um carruágo de pérolas, que lhe deram independência.

Tudo isto, afinal, era vantajoso para a mulher que usava tranças e carrapitos. A moda, porém, veio tirar essa regalia do contrabando, e até—aquí para nós—das evasões aduaneiras.

Trés grilhetas, a ferros de el-rei, viram-se libertos, na véspera das gádas, porque as mulheres, desentidas e valentes, meteram no alto do cocuruto, acamufiado de cabelo, as limas salvadoras, que serraram as grades.

Vem isto a propósito de se ver, com frequência, a mulher outra vez de tranças. E parece que a moda torna a pegar. Únicamente não tem o interesse e a vantagem que teve outrora. Porquê?

Por isto: as que deixam crescer o cabelo já o cortaram uma vez—de modo que só muito tarde exhibem tranças que tanto defraudaram o fisco—além da caspa que criavam.

M. M.

UMA EXPOSIÇÃO NO ESTORIL

A convite da Junta de Turismo de Cascaes, Frederico Borcelo dos Anjos expôs na Arcada do Parque Estoril, uma valiosa coleção de brocheiros.

Borcelo dos Anjos não é só um exímio fotógrafo; é, também, um notável temperamento de artista que consegue dar nitido e vida a quasi todos os aspectos a sua objectiva colheita.

Na sua exposição, que tem sido muito admirada, há fotos que são verdadeiras obras de arte, como «Gado à bebedá» e «Oliveiras ve-lhas».



Na Basilica da Estréa realizo-se o casamento de D. Maria de Vasconcelos Pimentel Possolo, genitá filha do Sr. Dr. Guilherme Possolo, Ilustre Director-Gerente da Assistentia Pública, e de D. Sofia de Vasconcelos Pimentel Possolo, com o architecto Dr. Alberto Barbosa Pereira da Cruz, fillo do Eng. Carlos Pereira da Cruz e de D. Hda Barbosa Ferreira da Cruz. Foram padrinhos o pais dos noivos e, entre os numerosos convidados via-se o Sr. Subsecretario do Estado e da Assistentia Social.



Numa casa de espectáculos de Pombal, effectou-se uma sessão de homenagem a Manuel Henriques Júnior, que constituiu uma consagração das suas altas qualidades de homem de trabalho e de coragem. Na foto, um aspecto da assistencia.



Ao grande industrial Manuel Henriques Júnior foi prestada pelo povo de Pombal uma tocante homenagem de reconhecimento pelos seus actos de beneficencia. O Governador Civil de Leiria e autoridades no acto do desceramento da lapida, com o nome desse industrial, numa praça daquella villa.



Querendo prestar homenagem aos seus chefes, o pessoal de todas as secções da casa Bertrand (Irmãos), L.ª reuniu-se há dias, em Sintra, num epicenico com os seus patrones, que são tambem os seus melhores amigos, numa festa de confraternização de um bastante simpatico significado social.



Um aspecto do banquete de confraternização do curso medico de 1938-1940 realizado há dias em restaurante de Lisboa.



Na sede do S. N. dos Empregados de Escritorio do distrito de Lisboa, realizou-se uma festa para encerramento do anno lectivo do curso de Aperfeiçoamento Profissional. Além da distribuição de prémios e diplomas, foi representada a peça em dois actos «Gratidão», original de dois alumnos.



O sargento americano que se vê na gravura, chegou a Munich e foi, comodamente, instalado na cama do Führer. Ali o vemos, lendo o «Min Kampf» e falando ao telefone, com o ar descontentado e tranquiço com quem estaria se fosse ele o dono da casa... Perdido — mais descontentado e tranquiço, certamente, do que lá teria estado o dono da casa...



O jornal que este garoto apregha nas ruas de Lublin é a «República», antigo órgão anti-comunista. Hoje, o título do jornal não mudou e o garoto apregha-o da mesma forma, mas «República» é o órgão da Polónia livre e democrática...



Os soldados russos prestaram em Viena, uma significativa homenagem a Johann Strauss, o famoso compositor. O fãtulo do Rei da Valva Viennese foi coberto de coraças de flores, e os soldados estiveram, em silêncio — e em sentido...



Leni Riefenstahl, a famosa realizadora de Olimpíadas, foi presa, juntamente com seu marido, Joao Feder Jaks, pelas tropas americanas de occupação. Leni negou ter sido noiva de Hitler, e indignou-se quando um soldado americano disse, desdenhosamente: — Vede-la, cinema, esta mulher? Isso é mentira! Eu nunca a vi mais gorda — e vejo os filmes todos.



Don Jacinto Benavente, o grande «Escritor espanhol passou, há dias» para Lisboa. Aqui o vemos a bordo do «Cabo da Boa Esperanza», com várias pessoas da sua amizade, entre as quais a actriz Lola Membrives.

LUÍSA MARIA UMA NOVA ARTISTA DA RÁDIO



LUÍSA MARIA, que a E. N. nos revelou últimamente, caminha depressa para a conquista da sua estrelinha no firmamento da rádio. Ella traz-nos a certeza consoladora de que não estão esgotados os elementos de valor que conseguiram tirar a rádio portuguesa do amadorismo píra em que vegetava.

Luísa Maria, que, de maneira tão brilhante, acaba de ganhar a primeira menção honrosa nos concursos da Emissora, collocando-se logo após Fernanda Remartínez, será muito em breve nome notado pelo público radiofónico. Tendo uma estreia muito recente, em 7 de Abril, numa das emissões de Variedades, depressa as suas qualidades se impuseram, sem favores nem empenhos; há poucas semanas, ao lado de valores consagrados, participou num grande festival na «Naus», e tal foi o êxito que alcançou que logo o seu nome foi indicado para colaborar, também, na noite das veletas da rádio.

É a primeira vez que ella recebe um jornalista. Hesita sempre antes de responder a qualquer pergunta; há em Luísa Maria uma bela rapariga, de vinte e poucos annos, espididamente penteadas, uma modestia natural que logo lhe abre a nossa simpatia.

— Nunca havia pensado seguir qualquer carreira artistica. Sabia que a minha voz não era desagradável, mas bastava-me cantar em casa para meia dúzia de pessoas amigas.

Um retrato do Jorge Pereira Alves, já enviado de Nova-York, com uma dedicatória bastante camaráda, faz-nos observar:

— Quando estava no Rádio-Clube, então ainda G. L., cheguei a gravar um disco. Mas tudo em brincadeira, pois eu não fazia a menor tentação de vir a cantar para o público.

— É como se deu o emigrante?

— Devese a Beatriz Sousa Santos. Foi ella quem me ouviu e insistiu comigo para que tentasse a rádio. De tal maneira me entusiasmei, que a tentação se apoderou de mim. Desta vez era alguém com responsabilidades artisticas quem me aconselhava.

— Estreou-se logo na Emissora?

— É verdade. Ali me apresentei, prestei provas e logo me incluíram num programa de variedades.

— Exito absoluto?

— Parece-me, simplesmente, que não desagradei, visto que me voltaram a incluir noutros programas.

— Teve medo do microfone?

— Tive e ainda tenho! — exclama Luísa Maria. — Sou muito nervosa, de maneira que ainda me não domino completamente.

— Prefere cantar em público?

— Por enquanto, não! O público ainda me apavora!

— Mas você teve um êxito grande na festa da «Naus»...

— Foi qualquer coisa, apenas. O público foi muito amável, e gostou...

— Modéstia excessiva, Luísa Maria. Isso também é feio! Diga-nos do seu resultado nos concursos da Emissora. Ficou satisfeita com a sua classificação?

— Absolutamente! Foi vencida por Fernanda Remartínez, por tal não me sinto diminuída em ter ganho a primeira menção honrosa. Um dia será a minha vez, assim o espero!

— Em que idiomas interpreta as suas canções?

— Em português, espanhol, francês e inglês. Prefiro as canções espanholas e francezas, e só lamento não ter canções portuguezas que se adaptem ao meu estilo. Não imagina as difficuldades para se formar um repertório agradável! Falta de músicas e falta de letras!

— E projectos futuros, Luísa Maria? A rádio, o cinema...

— Projectos futuros? Tudo o que possa contribuir para melhorar a minha personalidade artistica. Estudar, trabalhar muito, e vencer sem atropelar ninguém nem, tão pouco, à custa de favoritismos. Quero vencer; sim, seja na rádio, seja noutra qualquer actividade artistica, pelo meu esforço, pela minha vontade, com este bocadinho de leite que Deus me deu!

Tenho que concordar que Luísa Maria é uma simpática rapariga!

ANTONIO FEIO



Margaret Mayo, escritora que detem alguns grandes êxitos da cena americana, autora da comédia «Chuva de Filhos», pretende que a acção dessa sua peça fosse localizada na época «Fim de Século», e por isso o exilga na respectiva rubrica. Porém, nemhum coproprietário americano assim o entendeu e o desejo da autora nunca foi respeitado. Agora, Piero, o decidedor-artista que fez dos teatros de Lisboa a sua casa de briqueados, realidá pôr a peça como a autora o imaginara. A foto que reproduzimos representa uma das cenas de «Chuva de Filhos» em que entrevém Mirita, Vasco, Alvaro Pereira e Eunice Muñoz

As famosas
IGUARIAS, GÉNEROS ALIMENTÍCIOS
E CONDIMENTOS da casa

ROSSE &
LACKWELL

ESTABELEÇIDA EM 1706

chegarão

C&B com a PAZ

Idéias e noções

(Continuação da página 17)

tristal, uma catedral gótica, um palácio renasçença, uma invenção revolucionária, uma descoberta científica, uma colossal organização industrial e o mais...

O génio e o talento podem às vezes ter as suas inclinações preferenciais, mas, em substância, devem poder adaptar-se a este ou aquele género de empreendimento. As modalidades do génio ou do talento têm de se conformar ao ambiente. Sem ambiente épico, não pode haver epopeia. Sem ambiente político, não pode haver prosa rimada. Sem ambiente científico, não pode haver investigação. Sem ambiente industrial, não pode haver amplas realizações industriais...

Se é, pois, o ambiente que fixa o génio e o talento nesta ou naquela actividade artística, podemos facilmente conceber que Dante, Shakespeare ou Camões, se vissem hoje ao mundo, em vez de grandes poetas, poderiam ser grandes homens de ciência, grandes inventores como Edison, como Marconi, como Pasteur, grandes proprietários industriais como Rockefeller, Carnegie ou Ford.

Porque na maioria dos casos, é o ambiente que orienta o génio e o talento, e não o contrário.

Quo a propósito me veio isto à cabeça? Bem, diz o velho amigo... Há para aí hoje uma verdadeira aluvião de literatos, de romancistas, de poetas, de romancistas, de poetas que nunca houve em Portugal. O que caracteriza principalmente a literatura moderna em todos os países, assim como a arte, é que é sobretudo moderna. Quer dizer: vive o efémero, não o eterno. Eu não quero dizer que muitos dos moços que actualmente escrevem em Portugal não tenham imaginação, imaginação, gosto, inspiração, as qualidades mais relevantes que chamaram um homem de letras. E nem tão pouco eu, manicamente dedicado às coisas do espirito, desdenho das artes e das artes literárias, que são o expoente mais requintado duma civilização.

Mas parece-me que, em agravo para a literatura, do que Portugal mais precisa nesta hora actual, são muitos estilistas, muitos romancistas, muitos poetas, mas sim muitos críticos, muitos pesquisadores, muitos realizadores, economistas, industriais, cientistas, técnicos, comerciantes, como a Inglaterra e a América, a fim de fazerem de um Portugal pobre, um Portugal, se não mais rico, pelo menos renediado.

Anda muita gente por aí a fazer contos de dividir, no ar, no vazio, nas nuvens, mas o problema em Portugal não consiste em dividir uma riqueza que não existe, mas em criar uma riqueza efectiva, concreta, que se sinta, que se veja, que se apalpe. Isto não sou contra os homens de letras, sou contra a profusão de homens de letras num país onde o homem de letras, qualquer que elle seja, não quer ser profissional, directamente passa dum género de letras, pois, para os melhores dos géneros — talentos da actualidade literária, encarando a sério a realidade, e quem as suas actividades, onde podendo melhor servir-se a si próprios, melhor também servir-se a outros.

«...estarei eu errado?»

Esta fotografia da nossa contra-capta de hoje é do distinto artista, conhecido Fern...

Amor de uma
voadora

(Continuação da página 8)

um dos Profugi mais novos informou brutaemente.

Lalla tinha em vez com o marido. Passam a fazer parte da Companhia...

Chantal compreendeu. Rita não tinha piedade. Não a deixaria partir... Subiu a escada de corda, no específico, e como um sombrião, chegou à plataforma suspensa.

Executou os primeiros passos com hesitações mortaes. Os projectos, sem razão, feriam-lhe a vista. Falavam-lhe as forças. As mãos falavam-lhe. Não agarrava de compunctivo.

— Irá estalar a rede? — pensou um relâmpago, e resignou-se. No fundo, seria melhor assim...

O Profugi mais novo soube agarrar-lhe pelos braços e lançou forte. Era apenas um brinquedo desconhecido no espaço. Voltou de apesar de tudo, à plataforma onde Rita se encontrava. Rita censurou-a em voz baixa.

— Que tens tu? Parece que estás bêbeda. Quererias matar-me? — gritou, bairrada, para o rapaz. Chantal, atalucada, tinha de continuar o número, mas Rita repeliu-a duramente, com o braço, e lançou-a em vez dela...

Da imensa sala negra, e em baixo, partiram gritos. Rita, com o impeto do passo que não lhe parecia, tinha calado na rede.

— A cura será rápida! — dissera o médico no camarim.

Tinha acabado de lhe tratar o ombro e parecia, louco de alegria, debruçou-se sobre a mulher:

— Graças a Deus, salváste-te.

— Obrigada, meus filhos — dizia Rita, sorrindo, às «troupeas» que cercava a padilla dos palhaços onde a tinham estendido.

E pediu que a deixassem para se

ERNEST BEVIN

(Continua na página 17)

mou a aliança com a U.R.S.S., se estabeleceu a colaboração constante com os Estados Unidos, se lançaram os alicerces da nova Entente Cordiale, se esboçaram os planos gerais do futuro organismo de segurança. Tarefa exaustiva que consagrou o seu nome de todos os tempos.

A herança deixada por seu antecessor Edmeo organizara a paz da Grã-Bretanha o papel trágico que sempre tem ocupado. O programa de politica externa do trabalhoismo resumia-se em poucas palavras, mas é da sua execução que depende o êxito ou o malogro da empreza socialista que vai iniciar-se naquele país. Os capitulos essenciais desse programa são o estreitamento de relações com a Rússia e os Estados Unidos, o entendimento cordel com os outros povos, especialmente a França, a definição da posição britânica perante o continente europeu e a realização, em bases seguras, da segurança colectiva. Praticamente, trata-se de saber se a aliança anglo-russa, que

ARTISTAS
IGUARIAS

(Continuação da pagina 13)

com uma prodigiosa certeza que pusera.

«A emulagem das pratas — e nós temos artistas que se especializam, como pensamistas do Estado, mas, como João Silva, o grande medalhista, e Guilherme de Azevedo, que, desiludido, abandonou a arte — de se desenvolver, criando o ensino nas escolas industriais — diznos o sr. Angélio Sousa, um dos mais esclarecidos industriais de pratas do nosso país.

— E como? — Dando o estímulo. Ajudando os artistas que têm de trabalhar nesse género — e procurando dar-lhes o devido lugar, a Arte de ourivesaria, de tão altas tradições.

«A Escola de Arte Aplicada António Avelar teve, há tempos, uma aula de emulagem. Todavia, o comércio de pratas é pouco. Não pode ser do partido. É preciso o estímulo para que a parte comercial nunca deixe de ser sobreadada pela Arte. De facto, tem de ser assim.

A ourivesaria portuguesa tem os louros da conservação. E preciso, pois, saber mantê-los.

vestir. Mas, olhando Chantal, disse-lhe: — Fica tu, para me ajudares. E ficaram só.

— Não te preocupes — disse Rita — salve-te a vida. Não eras capaz de ir até ao fim. E preciso ser velho no trabalho para saber cair na rede sem grande mal.

Hesitou, mas depois, em voz muito baixa acrescentou:

— Isto tinha de acontecer, e tu sabes porque... Isto para mim não tem importância, estou habituado a ser consertados como se fosse moço de loja...

E repetiu lentamente: — Salve-te a vida... Chantal ficou atalucada.

— Pu-se, que exige em troca? — Que te vás embora — disse apaixonadamente — que me deixares tu tens tudo; eu tenho apenas o amor d'êle; é esquecer; tem filhos, a mãe, a esposa...

— Era isto o preço... — Pegu na minha mala — disse Rita. Lá dentro está uma carta. É essa carta, que nos evitara muitas frações...

Chantal pegou na carta. Reconheceu a letra da mãe. A altiva senhora Quenomy tinha-se humilhado a pedir a mãe a reintimação que lhe restituía a filha.

— Tu és apenas uma menina mimada e das tuas mães esquecerias também; tens um futuro lá fora...

Chantal abandonou o circulo, só, inerte, atalucada, porque só nos filmes e nos romances se vê uma voadora ciumenta confiar aos traços do cuidado de matar.

E foi assim, pouco mais ou menos, que Rita Profugi, minha amiga do circulo, concluiu quando me contou esta história.

PASTA MEDICINAL
Conto
TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA

Medicinal pequena — tubo 18\$00
Medicinal grande — tubo 17\$50
Vulgar pequena — tubo 4\$00
Vulgar grande — tubo 7\$50

lika
MATA PERCEIÇOS BARATA SUAVE TRACA

Vende-se nas Farmácias e Drograrias
Depósitos: Cada caixa 3\$00
Lisboa — Largo do Contador Mór, 4-A
Porto — Largo de S. Domingos, 108

PODE-LHE SERVIR PARA ACERTAR O RELÓGIO!!

As suas funções intestinais terão uma regularidade tal que, por elas, poderá acertar o seu relógio se tomar LAXOBAC, o novo chocolate laxativo. Um remédio maravilhoso contra a prisão de ventre, tanto para os adultos como para as crianças. Suave mas firmeamento, «Laxobac» exerce a sua acção, sem causar a mais leve dor ou incómodo.

LAXOBAC
Em todas as farmácias a Escudo 550 e 12800 cada caixa. Lembre-se do nome.

dever durar mais de dezasseis anos, pode resistir à prova de guerra, e se a Inglaterra conservará em firme a guerra para a Europa perturbada e dilacerada pelos mais complicados problemas, desde a fome, a guerra civil, o posicionamento moderador e encorajador que sempre tem ocupado.

Poi consideramos, sobretudo, este último ponto que o partido trabalhista se decidiu pela escociação de «Ernest Bevin» de preferência a Hugh Dalton, que era, hi muito, considerado como o nome certo da pasta dos Negócios Estrangeiros no caso da vitória do seu partido nas eleições de 1951. Bevin é quem se realizou. Dalton é um universitário, considerado meramente a primeira figura intelectual do seu partido e um dos cérebros mais bem organizados do socialismo europeu. Bevin, é um antigo trabalhador que fez a sua carreira na hierarquia exigente das «Trade Unions». O primeiro tinha uma preparação para o desempenho europeu e a realização, em bases seguras, da segurança colectiva. Praticamente, trata-se de saber se a aliança anglo-russa, que

se, o homem da linguagem directa e da acção reflectida, deve sempre o que quer e preferir enfrentar os obstáculos a lidá-los em obediência às fórmulas correntes da diplomacia. Mas Bevin é, sobretudo, ao olhar das massas trabalhadoras da Europa e do resto do mundo, o antigo organizador sindical que tem no seu activo duma realização gigantesca: a Federação dos Transportes e a mobilização dos trabalhos durante o período das hostilidades. A escociação do seu nome resultou, sobretudo, da sua ortodoxia partidária, do seu apego aos princípios, da sua dedicação ilimitada pela causa do socialismo e do seu passado sem mácula. Mais do que um diplomata de larga preparação técnica que pusesse deixar-se influenciar pelo mecanismo do Foreign Office, o maior Bevin é encontrado em realidade uma obra construtiva no domínio árduo e exigente da politica externa.

UM DIA COM FELIX BERMUDES

N. R. Ao pretendermos consagrar uma página de reportagem a Félix Bermudes, esse homem de espantosa actividade, escritor ilustre, desportista brilhante, dirigente desportivo, poeta primoroso, e, acima de tudo, premiado com uma juvenude, que sempre pôs, generosamente, ao serviço do Trabalho e da Vida, lembrámo-nos que ninguém melhor a poderia fazer do que o seu neto, o nosso colaborador Nuno Adães Bermudes.

É essa reportagem «o avô visto pelo neto», que apresentamos aos nossos leitores, fazendo nossas, por justas, as palavras de admiração do nosso colaborador pela figura notável de Félix Bermudes, que daqui saldamos, com admiração e amizade.



FELIX BERMUDES, EM CASA, CONVERSANDO COM O NETO

O AVO ENTREVISTADO PELO NETO

por NUNO ADÃES BERMUDES



No «tennis», uma das paixões de Félix Bermudes, e em que é «cás»...

CLARO que reconheço que tudo quanto aqui fôr dito nesta reportagem, a respeito do meu avô, será para os leitores, sendo muito, pelo menos vagamente suspeito. Por isso, e antes de mais nada, quero jurar pela minha rica saúde — e até pela vossa se assim o decaídes — que a verdade, e só a verdade, será contada nas linhas que se seguem. E, pôsto isto, vamos à obra, ou antes, comecemos por ir a casa de Félix Bermudes.

Lá o encontramos, sentado à sua secretária, trabalhando e resolvendo todos aquêles problemas que na véspera a Sociedade dos Escritores e Compositores Teatraes Portugueses, com quem se mantém em constante ligação, entregou nas suas mãos.

Estatura média, figura revelando uma força bem distribuída, rosto rapado, olhos vivos, penetrantes, mãos enérgicas e expressivas, uma frase graciosa a propósito de tudo, eis Félix Bermudes, o homem cujo sistema de vida é o mais democrático possível, cujo carácter é o mais rígido, sem chegar ao exagero puritano.

Toda a gente o conhece. Todos os meios frequentes e dêtes tiro a sãbia lição da sua vida e o seu conhecimento profundo dos homens. Para ele, os anos não têm passado. O que fez, faz. O que era, é. Ontem, escritor consagrado pela crítica e pelo público. Hoje mudou a crítica e o público, mas ele continua consagrado por ambos. Ontem fez desporto e foi vencedor olímpico. Hoje faz desporto e as Olimpíadas não o esqueceram.

Félix Bermudes, o homem de nervos de aço, de vontade indomável, de vistas largas e olhando sempre em linha recta, conserva com a sua avançada idade, todos os atributos da gente moço: entusiasmo, combatividade, memória fresca e agilidade física.

E sem pretendermos ser paradoxais, podemos afirmar que Félix Bermudes, um dos homens mais

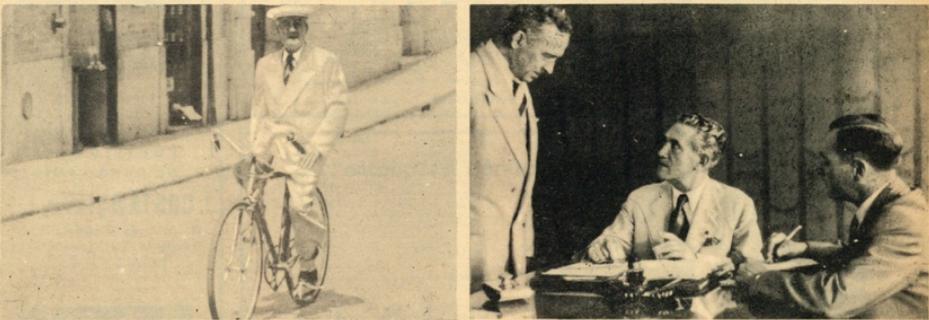
conhecidos, é também um dos mais ignorados. É a explicação do paradoxo, embora não pareça, é bastante simples — a actividade de Félix Bermudes é, em cada sector social, ignorada pelos outros sectores.

Quantas pessoas sabem, no sector literário por exemplo, que Félix Bermudes cultivou todos os desportos, e ainda aos 50 anos conquistou o título de Mestre Atirador Internacional Olímpico e venceu um Campeonato Nacional de Esgrima? E no sector desportivo, quantas pessoas sabem que ele é o maior organizador e fundador em Portugal da defesa das classes dos escritores e compositores? E nestes dois sectores, que o mesmo Félix Bermudes é o Presidente da Sociedade Teosófica de Portugal, e que, desinteressado até à renúncia, repete todos os dias a oração de Apolónio de Tiana: «Permiti, Senhor, que eu tenha muito pouco e não deseje nada!»

E, finalmente, nestes três sectores, que faz uma pequenina ideia da projecção internacional de Félix Bermudes, o homem que, uma vez em Sevilha e outra em Estocolmo, as quatro Federações englobadas na Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores elegeram simultaneamente, e sem saberem uns dos outros, para o cargo de Vice-Presidente, caso inédito no mundo?

Acompanhei Félix Bermudes no seu giro de oficial de serviço — serviço permanente — pela Sociedade de Escritores e pelo Sport Lisboa e Benfica e verifiquei o abismo que existe entre «mandar» e «dirigir». Assim, aprendi que quem sabe «dirigir»

(Continua na página 16)



De bicicleta, com as mãos fora do guidão, o a neutralidade de quem vai e pé...

No Sociedade de Escritores Teatraes, de que é Presidente e Administrador, com o escritor Luis Galhardo, secretário geral, e Romualdo Figueiredo, funcionário superior

DE



ESTÃO SEGUROS
CONTRA ACIDENTES
DE TRABALHO, NA
IMPÉRIO

COMPANHIA
DE SEGUROS

RUA GARRETT, 56
LISBOA.

**UM DIA COM
FÉLIX BERMUDEZ**

(Continuação da página 15)

manda, sem dar ordens, com uma autoridade suprema, e que aqueles que só sabem «mandar» não sabem dirigir.

Depois, almoçamos. Eu, um bife com muito sangue e batatas fritas, e o meu avô o seu frugal prato de vegetariano, em obediência à lei budista de infensibilidade.

A tarde propõe-me um passeio.

—O avô, vamos dar uma volta em bicicleta!

—Hoje não posso. Vou jogar um encontro de «tennis», para inauguração da faça que tem o meu nome. Mas tudo se arranja; para baixo vou eu na minha máquina, e para cima traze-la tu!

A proposta não era tentadora mas proporcionava-me duas fotografias curiosas. E preciso roer os ossos do ofício.

E lá fui até ao «tennis» e à Sociedade.

A jornada terminou com a retilhio do Ramo Teosófico «Annie Besant» em casa do meu avô. Estudavam-se as raças e os mapas da Atlântida, antes da catástrofe de há duzentos mil anos.

—Avô, de que museus ocultos vieram êstes mapas?

—Quando tiveres o direito de saber, já não precisas de perguntar.

E sorriu com a maior severidade. E fora de dúvida que existem muitas pessoas mais notáveis — e, sobretudo, mais notadas — do que o meu avô. Mas em nenhuma delas convergem e se reúnem, de uma forma tão impressionante, uma perfeita cultura física, uma rara cultura mental e uma tão avançada cultura da natureza espiritual.

—Que mais se pode dizer no espaço restrito desta reportagem? E que mais posso eu fazer, senão pedir desculpa aos leitores de ser neto de um avô tão lustre, embora eu volte a jurar pela minha saúde que não fui eu quem teve a culpa?

E, aqui para nós, que ninguém nos ouve, desconfio que o estudo das religões comparadas dêz do meu avô um tsumaturgo. Aquilo da mocidade permuta é magia pura.

E não fez êle o milagre de reconciliar o «sportings» com o «henfics» e o «henfics» com o «belenencas»!

IMPÉRIO
**HISTÓRIA
DA
GUERRA**

(Continuação da página 6)

fol tida como uma confirmação autorizada das suspeitas que se adivinavam cada vez mais em volta da personalidade enigmática do almirante.

No dia 11, Darlan deu, inesperadamente, ordem para cessar as hostilidades contra os Aliados, em todo o território da África do Norte francesa (Marrocos, Argélia, Tunísia). Esta ordem indicava claramente que êle se entendera com os chefes militares aliados e se pusera à suas ordens. Em 12, Darlan assumiu a direcção de todos os assuntos no Norte de África, depois de publicada a proclamação do general Nogues a que nos referimos, e dirigiu um apelo radiodifundido aos oficiais e marinheiros da esquadra, concentrada em Toulon, convidando-a a seguir com os navios de guerra franceses para os portos do Norte de África. A marinha de guerra, de que êle continuava a ser o chefe nominal, recebeu assim uma indicação clara para o acompanhar na sua attitude, mesmo que para isso tivesse de se revoltar contra o governo de Vichy e que enfrentar a hostilidade das tropas alemãs de ocupação.

O FIM DA CARREIRA AVENTUROSA DE DARLAN

Depois de, em estreita colaboração com os chefes militares norte-americanos e com os seus conselheiros políticos (Eisenhower, Clark e Murphy)

**UMA GOTA DE «HERPETOL»
É DESEJO DE CÔCAR PASSOU. A IRRITAÇÃO É
DOMINADA. A PELE REFRESCA-SE E O ALIVIO COMEÇA
«HERPETOL»**

É UM MEDICAMENTO SERIO E CERTO PARA TODOS OS
CASOS DE ECZEMA (HUMIDO OU SECO), CROSTAS, FERIDAS,
ERUPÇÕES, ARDÊNCIAS NA PELE, ETC. ATÉ HOJE AINDA
NÃO APAREceu CÔCA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drograrias

Preço avulso: 11500



Jorge de Faria

(Continuação da página 7)

allás, é um curso que dá aperfeiçoamento, mas não dá talento... Entretanto, os alunos de Arte de Representar têm o seu contacto com o público no seu exame final — no fim do 3.º ano!

Dr. Jorge de Faria: —gostosamente o dispensamos de nos dizer os motivos porque não podia exercer, com eficiência, a sua acção como director da Secção de Teatro do Conservatório.

Dispensamo-lo — e desculpe o atrevimento da pergunta...

haver assumido a penitente do pacer no Norte de África, Darlan nomeou o general Giraud, no dia 13 de Novembro, comandante-chefe das forças militares de Marrocos, da Argélia e da Tunísia. Em 14 designou um Conselho Imperial para sua presidência (espécie de governo para exercer a administração local), na sua quasi totalidade composto por individualidades que haviam praticado a colaboração, mais ou menos atenuada, nas colónias, e assumiu as funções de Alto Comissário para o Norte de África.

Entretanto, o presidente Roosevelt procurava atenuar o efeito produzido pela evolução dos acontecimentos, anunciando que a colaboração com Darlan era apenas um expediente temporário que não influiu na decisão final que houvesses de ser tomada em relação à França. Darlan publicou uma mensagem dirigida às forças militares que se encontravam no Norte de África, inclinando-o a colaborar abertamente com os ingleses e americanos que haviam desembarcado e se preparavam para ir à última fase da campanha aliada no continente africano. Mas ao mesmo tempo (20 de Novembro) afirmou publicamente a sua fidelidade ao marechal Pétain, em nome do qual, e apesar d'êste o haver desautorizado, continuava a agir.

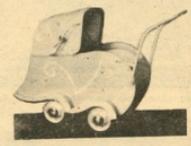
Em 23 de Novembro o governador da África Occidental francesa, Buisson, anunciou a adesão desta colónia à causa dos Aliados. Em seguida à ocupação do resto do território francês da metrópole pelos alemães e do afundamento da esquadra, Darlan e Giraud foram privados da nacionalidade francesa. Em 4 de Dezembro, e apesar da declaração categorica de Eden anunciando que a Grã-Bretanha não tinha qualquer responsabilidade no que estava a passar-se, Darlan anunciou que, assistido pelo Conselho Imperial, se considerava o legitimo representante da França (8 de Dezembro), perante a campanha violentissima provocada pela documento em que procurava justificar-se. Duas semanas depois, a 24 de Dezembro, era assassinado por um jovem de nome Bonnier de la Chapelle, atribuindo-se aos monarquistas franceses, então muito influentes no Norte de África (Darlan afirmara sempre as suas convicções republicanas), a inspiração do atrevido.

(Continua)



PRODUTOS DE BELEZA
Rainha da Hungria
O ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUERE CONSERVAR A SUA BELEZA!

**CARRINHOS
PARA
BÉBÉS
e cadeirinhas**



Fabrinea

os melhores

a pronto ou com facilidades de pagamento

J. COSTA & SILVA, L.ª

R. Arco do Bandeira, 79, 1.ª LISBOA Telefone 26713 (atende-se a provincia)



Inscrição para o filme "Matinée às quatro"

Nome

Idade Profissão

Morada

Desportos que pratica Habilitações literárias

Sabe cantar? Que género?

Sabe dançar? Que género de dança?

POR ANTONIO RUAS

CADA um para o que nasce. Há homens que nascem para as coisas grandes, e outros que nascem para coisas pequenas. Na minha vida comercial, encontrei bastantes destes tipos últimos, e raros dos primeiros.

Trabalhei no Brasil numa grande fábrica de cerveja, cujo gerente, um alemão, se irritava até ao paroxismo, apenas com coisas insignificantes. Um erro num despacho pelo caminho de ferro dum barril de cerveja ou duma pedra de gelo, uma caixa de garrafas mal colocada num carro ou a obstruir um caminho na fábrica, isto eram incidentes mínimos que o elevavam ao rubro. Mas nunca o vi agastado com acontecimentos importantes. Sucedeu até que um dia um empregado se evoluiu com uns cinquenta contos, sem que ninguém, nem a policia, desse mais fé dele. Pois nunca vi o nosso gerente tão sereno. Deu parte às autoridades por dever de ofício, mas nunca mais se importou com o caso. Doutra vez, um caixa deu um desfalque grande. Pois é, que era uma fera, que gritava, vociferava e gesticulava, conservando-se calmo e com grande amabilidade, limitou-se a dizer ao concessionário que estava despedido. E mais nada.

Conheci outro, negociante de cereais, que logo tratava-se uma mercadoria tivesse de pagar uns 3800 de armazenagem, por não haver sido retirada em dia próprio. Deixava-se às vezes roubar um pouco de réis por agentes e fregueses, com uma tal presença de espírito que não parecia que gostava de ver a viciosa discrepância, ao que ele me respondeu numa confissão categorica: "Eu quero, só me imposto com as coisas pequenas."

Estive numa casa, cujo chefe, um italiano, era um organizador de uma vasta empresa comercial e industrial. Tinha sucursais e agências em muitas cidades do Brasil e do estrangeiro. Comandava uma porção de fábricas, umas dez, de oleos, sabões, tecidos, vidros, mougens, descaque de arroz, e maninha um comércio de importação e exportação. E sabia de tudo o que se segredo do seu éxito consistia nisto: era paleólogo, conhecia os homens. E sabia, pois, quem havia de colocar à testa das várias secções. Só no escritório tinha cinco gerentes, cada um com a sua repartição definida, todos éles apurados, activos, inteligentes e fiéis.

O resultado era este: vinha de manhã ao escritório, quando vinha, trocava meia dúzia de palavras com os gerentes e ia-se embora. Se saía do país, quasi não fazia falta, porque havia colocado a máquina nos trilhos e tinha que a subseu mover. Este não é das pessoas que se esquecem quando se vão embora. Deixou a primeira organização industrial da América do Sul.

Não há só os génios na literatura, nas artes e na politica. Este homem, Francisco Matazzaro, era um génio comercial e industrial.

* * *

Se um homem é verdadeiramente amigo de outro, nunca o deve levar acima da sua capacidade mental. Se o eleva, occasiona dois prejuizos: inferioriza e perverte o amigo. Investe e inferioriza e perverte o amigo. Infelizmente, a amizade é, em muitas pessoas, uma coisa que lhes faz ver o lado do amigo por um vidro de aumento, e às vezes por uma luneta astronómica. Na politica, isto dá-se muito, a consciência é freguesia e os amigos virem-se as funções publicas tão aviltadas e os homens que as exercem tão amesquinhados e degradados. Em muitos casos, que combos os prebendários acabaram numa sindicância arrazadora.

O parentesco muito estreito, que produz uma amizade mais intima, cega o dador de graça, a ponto de éle não ver quasi nada. Conheci um negociante multimiliardário, com uma fortuna avultada e sólida que parecia desafiar todas as crises e tempestades que, no decorrer da vida, se atiravam apenas por isto: por colocar dois filhos, jovens, inexperientes, á testa do negócio, rejeitando colaboradores antigos e praticos. Desgracou-se a éle, que morreu pobre e envergonhado, e desgracou os filhos que hoje, sem recursos e naufragados, levam uma existência de párias sociais.

* * *

Que é o génio e que é o talento? Faculdades comprehensivas e criadoras. O génio vai mais nas alturas e o talento borda as mais as planícies. Mas o génio ou o talento devem, no fundo, ser uma qualidade ou uma predisposição para a realização do grandioso, um poema épico, um romance notável, uma esculptura viva, um quadro célebre, uma ópera ma-

(Continua na pág. 14)



ERNEST BEVIN, O NOVO MINISTRO DOS ESTRANGEIROS DA INGLATERRA, ATRANHADO EM FLAGRANTE PELA OBJECTIVA DO FOTOGRAFO QUANDO TROCAVA IMPRESSÕES COM MORRISON SEU COLEGA DE PARTIDO E DO GOVERNO

UMA ESCOLHA INESPERADA

ERNEST BEVIN SUBSTITUIU À ÚLTIMA HORA, O SEU CORRELIGIONÁRIO HUGH DALTON QUE ERA O INDIGITADO MINISTRO DOS ESTRANGEIROS DO PARTIDO TRABALHISTA

um tiro, o domínio da Europa Central, e o Anschluss foi o erro mais grave da diplomacia aliada entre 1919 e 1939. Defendeu intransigentemente a segurança colectiva e exaltou a Sociedade das Nações.

E depois de suportarem uma segunda configuração geral, os povos voltaram-se, de novo, para a segurança colectiva e procuraram reconstruir a Sociedade das Nações que destruíram.

Quando, em 1940, Anthony Eden regressou à direcção da politica interna britânica a situação do seu país era desesperada. Nenhum inglês tinha lúscos sobre as dificuldades que seria necessário remover para ganhar, contra um inimigo poderoso, a guerra que fora imposta ao seu país. A vitória só poderia ser alcançada desde que se constituísse uma coligação de povos suficientemente poderosa para bater o Reich. Essa coligação, para sair do ambiente perturbado e confuso da guerra, exigia uma preparação diplomática sem precedentes.

Eden seria o seu mais activo artífice e o seu obreiro mais vibrante. Foi durante a sua passagem pelo Foreign Office, depois de estar déle afastado quasi durante três anos, erro imperdoável que a Inglaterra pagou por um preço excessivo, que se fir-

(Continua na pág. 14)

TÃO sensacional como o resultado inesperado das eleições inglesas foi a nomeação de Ernest Bevin para dirigir o Foreign Office. Pode dizer-se que essa nomeação foi feita à última hora e constituiu uma surpresa dentro e fora da Inglaterra. O novo Primeiro Ministro trabalhista teve, certamente, para a fazer, as suas razões. Essas razões são, certamente, de páso e acabaram por dominar as combinações feitas e os compromissos assumidos.

A partir dos Negócios Estrangeiros é, neste momento, a mais importante do gabinete. O homem que a sobraçar encaminhará a Inglaterra na senda duma cooperação frutuosa com os seus aliados que a ajudaram a alcançar a vitória, ou liquidará as esperanças que num futuro próximo do mundo a humanidade continua, apesar de tudo, a depositar. Digam o que disserem, os intérpretes oficiais do pensamento dos diversos partidos em Inglaterra, inscrevam o que quiserem os programas desses partidos, sejam quais forem as manifestações publicas dos seus chefes, a verdade incontroversa é que as eleições inglesas, realizadas dois meses depois da mais espantosa e mortífera guerra de todos os tempos, foram feitas à volta deste dilema dramático: guerra ou paz. Uma vez decidida a orientação que a nação inglesa vai seguir durante os próximos cinco anos, é ao seu novo ministro dos Negócios Estrangeiros que competirá resolver esse dilema.

Isto significa que a escolha de Ernest Bevin foi, decerto, maduramente considerada antes de ser áida anunciada no meio da surpresa geral.

A sua tarefa aparece ainda agravada pelo confronto inevitável do trabalho realizado durante os últimos quatro anos pelo seu antecessor, Anthony Eden deixou, efectivamente, da sua passagem pelo Foreign Office, das duas vezes que o dirigiu, uma excelente reputação. Os acontecimentos deram-lhe quasi sempre razão. Além disso, a sua integridade pessoal e a rectidão do seu procedimento haviam-se transformado num factor de confiança que a politica externa britânica largamente utilizava.

Anthony Eden combatu Mussolini, e Mussolini acabou por declarar guerra à Grã-Bretanha. Opôs-se ao Anschluss, considerando que no dia em que os alemães se instalassem em Viena teriam alcançado, sem disparar



HUGH DALTON



ANTHONY EDEN

CALÇADA DA GLÓRIA

Alexandre
Herculano

FABRICANTE
DE AZEITE



A natureza está sendo de tal forma substituída pela retorta do químico que, já há mais de meio século, Manuel Pinheiro Chagas perguntava por quanto tempo durariam o azeiteiro e o azeite. Hoje pode dizer-se que o azeiteiro praticamente acabou. E pelo que diz respeito ao azeite, embora continue, felizmente, a existir, nem sempre se vê — a não ser em sonhos. Ora Pinheiro Chagas afirmava que, se um dia, o azeiteiro desaparecesse da nossa vida social havia de levar consigo uma última glória: a de ter tido na honrada corporação dos seus fornecedores o grande, o íntegro, o digno Herculano. Assim, de repente, haverá talvez quem se admire desta correlação. E, entretanto, quem, há 70 anos, visse Herculano lembrava-se logo, não apenas da *História de Portugal* e do *Eurico, o Presbítero*, mas do azeite puro e dos seus vendedores honrados. Na verdade, o azeite deve tanto a Alexandre Herculano — como a História. Foi, em grande parte, Herculano que o civilizou como queria que se civilizasse o seu próprio país, conservando e melhorando as suas instituições tradicionais, em vez da importação, quasi sempre prejudicial, das modas vindas de fora. — Quem dera que nós tivéssemos um Parlamento de azeiteiros como Herculano! — exclamou, certa ocasião, o autor da *Memória de Val Flor*. E tinha razão. A verdade, porém, é que se, muitas vezes, se tem falado de Herculano como historiador, poucas se tem falado dele como lavrador e, em especial, como fabricante de azeite. Não supunham que este aspecto da sua personalidade com-

prometerá, de qualquer forma, a memória do seu nome insigne. Ele próprio, que nunca pusera o hábito de Cristo (que, aliás, tão justamente, lhe fora concedido), não escondia o seu orgulho ante o facto do seu azeite haver ganho uma medalha em certa exposição estrangeira.

Segundo o testemunho dos seus amigos mais íntimos, Herculano tivera uma grande ambição em toda a sua vida: ter uma leira de terra que agricultasse. Uma bela ocasião, chegou mesmo a constituir uma parceria agrícola com Joaquim Filipe de Sousa, que fora por duas vezes ministro da Justiça sob a presidência de Palmeira, e com Luís Teixeira Homem de Broderode; a parceria tomou de arrendamento uma propriedade no Calhariz da Arrábida; e, sob os olhares do historiador, a propriedade transformou-se numa espécie de granja viçosa e produtiva. Por várias razões a sociedade dissolveu-se, anos depois, mas nem por isso, ou talvez por isso mesmo, Herculano deixou de persistir nas suas ambições agrícolas. Agora queria uma leira de terra, mas a que chamasse «dêles», e na qual pudesse aplicar a sua ciência agrícola e a sua energia de aço. Só à volta dos cinqüenta anos, após uma existência de trabalhos e camérfia, conseguiu amesalhar o bastante para satisfazer o seu ideal. Uma fortuna? — dirão. Engano. Três contos de réis. Foi, na verdade, pela quantia de três contos de réis que o grande historiador adquiriu em Vale de Lóbos, perto de Santarém, a propriedade que ficou sendo conhecida





↑ O Rei Vieg, com 4 garotinhos, homenagem a ele, que não tem pai, que estas pertencem a soldados falecidos
↓ Distribuição de sementes de mandioca para indígenas

TERRA DE MARAVILHA

FASSARI—A ILHA ENCANTADA

FASSARI, na parte oriental pelas amarelas, é um pequeno paraíso, perdido nos braços do mar, rodeado por montanhas que parecem ser parte de um castelo. O mar é azul, profundo em algumas partes e amarelo em outras. O clima é quente, mas agradável, com um pouco de vento que refresca a tarde. A ilha é pequena, mas bonita, com algumas casas e um pequeno porto. É um lugar ideal para quem quer descansar e aproveitar a natureza.



A princesa Sibilly, esposa real de Rei Leopoldo

A infante madrinha Anató, que em recente desastre de avião acabou no céu com o seu pai

O príncipe Rodolfo, filho do rei Leopoldo, e sua esposa e herdeira de trono



A princesa Augustina Charlotte, a filha do rei Leopoldo, e sua esposa

O príncipe Alexandre Bonaventura, filho do rei Leopoldo, e sua esposa

É este o príncipe Charles, cavaleiro de Flandres, esposo da princesa de Espanha e neto do rei

O AMOR É A GUERRA NAVIDA DUM REI

LEUOPOLDO, filho do Rei Rodolfo, vive uma vida de príncipe e herdeiro de um reino. Ele é muito jovem, mas já tem uma vida muito interessante. Ele é muito querido por todos e é muito feliz. Ele é muito bonito e muito inteligente. Ele é muito bom e muito gentil. Ele é muito querido por todos e é muito feliz. Ele é muito bonito e muito inteligente. Ele é muito bom e muito gentil.



O irmão de Vieg, que é estudante com o Rei Vieg, estudante de direito, está a estudar direito



Essa fabrica artesanal de vime



O Sr. Vieg e a família em Fassarri, ilha encanteada de mar e lagoa



Dois príncipes indolentes passeiam no mar, em seu tempo de folga

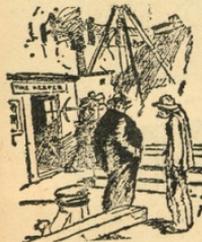


Um momento de recreio, no mar, na contemplação da natureza



HORRIVEL ERRO

O MÉDICO — Tranqüilíze-se, homem; é só um, e rapaz. A enfermeira disse «seis» porque julgou que perguntava as horas.



OPORTUNISTA

O CAPATAZ — Não posso dar-lhe a colocação porque me falta trabalho para ocupar durante o dia os homens que tenho contratados.

O SOLICITANTE — Não importa. Eu trabalharei o menos possível.



INSTRUÇÃO

— Diga-me: Como se abre esta lata de conserva?
— Muito facilmente. Basta seguir as instruções que vêm dentro dela.



O QUE HÁ-DE VIR

— Avalio o que terá V. Ex.^a sofrido pela perda de seu marido.
— Não é isso o pior, mas sim pensar no que há-de vir...



PASSATEMPO

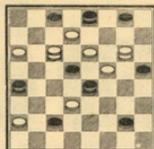


DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
Toda a correspondência deve ser enviada para o Rua Marquês 54 da Bandeira, 106, 3.º — LISBOA

DAMAS

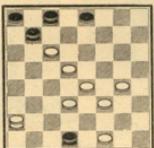
(Secção espanhola)
Orientador: Dr. Carlos R. Lafora

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROMOTISTAS DE «DAMAS»
COMPOSIÇÃO N.º 66 (Problema)
«La Provincia», 10/5/945
(Las Palmas — Espanha)
Lema: «Platanos»



Mate em 6.

(Secção portuguesa)
PROBLEMA N.º 31
Original de Filiz (Melgaço)



Jogam as brancas e ganham.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 27

15-19	14-18	10-28	7-11
22-15	21-14	32-23	1-7
4-27	27-31	31-18	18-7
26-22	22-19	19-15	P. g.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 30

19-5	15-20	20-23
17-30	20-19-1	30-20
16-23		

20-23 ganham.

SOLUÇÃO DA FINAL DO JOGO N.º 16

6-17-8-12; 21-26 e 14-18 G.
13-16; 14-18-22-25; 18-27 e 21-26 (a) G.
15-16; 21-26 ou 18-22 G.
16-3; 18-27 G.
16-30; 17-8 e 18-27 G.
(a) Dual: 17-4; 16-3; 6-20; 3-16; 30-30; 16-8; 30-18 G.

XADREZ

PROBLEMA N.º 5

Por C. Mansfield



2x

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4

1. D—h6.

RECTIFICANDO

O diagrama do problema n.º 3, publicado em 26/7/45, saiu com a chapa invertida. Para encontrar a verdadeira posição, tanto para este caso como para casos futuros, bastará colocar a folha diante de qualquer luz, e olhar para o verso da mesma. Que nos desculpem os leitores desta falta.

CORRESPONDÊNCIA

Júlio Viana (Vila Real)—Já traté do seu assunto. Desculpe ter-me atrasado.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 36 (Concurso)
Por Rocanoli (Nelas)
ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1—Reapareceram. 2—A que elabora. 3) Lanugo vegetal (pl). 4—Diz-se dum cavalo branco e preto; pratica acto de caçaria. 5—Contestaremos. 6—Vazio; vereador. 7—Caminho entre as montanhas; cultivar. 8—Apresentaremos; medida agrária. 9—Brando; ícaren. 10—Flo de leite; fustigo. 11—Imensidões; mentiras.
VERTICAIS: 1—Confirmavam. 2—A que exclue. 3—Tornar palatal. 4—Detestarem. 5—Letra grega; conjunção; origens. 6—Nozes; desajava. 7—Pronome indefinido; fabricante de remos. 8—Vozes; regular. 9—Peixe de Portugal; raiva; rapar o sal, na salina. 10—Lavre; regateira. 11—Dificuldade; guarnecimento de azas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 29

HORIZONTAIS: 1—Contaminados. 2—Ovo; aço. 3—Na; carolo; ac. 4—Minorava. 5—Amolaras. 6—Nu; el; ar. 7—Cra; ónus; are. 8—Total; al; acor. 9—Omitte; arame. 10—Nero; aram. 11—Ala; ato. 12—Romantizadoras.
VERTICAIS: 1—Comercional. 2—Ovo; uronelo. 3—Nó; má; atiram. 4—Cima; ato. 5—Anoso. 6—Rol; na. 7—Ora; ul. 8—Lares. 9—Oval; ara. 10—Dá; as; acarar. 11—Oca; aromata. 12—Socorrere-mos.

Carlos dos Santos (Castro Daire)—O tabuleiro numerase da esquerda para a direita e de baixo para cima.
Júlio Vitorino da Silveira (Açores)—Vou fazer a diligência para lhe ser agradável.
Engenheiro Alfredo José Ferreira (Pórtó)—Aguardo que quebre esse silêncio e faça o favor de me remeter umas charadinhas!

CHARADAS

Por Nicolau F. Telo de Morais
NOVISSIMAS

- 1) A nota musical que ouvi naquela freguesia de Castro Daire foi executada por um homem com apetido. — 11
- 2) Quem adorar um ídolo com boa figura não deve pender-se. — 3-1
- 3) Levando o fardo àquela povoação superior a vila encontrará a paz de espírito. — 2-3
- 4) Examinei o apelido e reconheci que era vigoroso. — 1-1

SOLUÇÃO DAS CHARADAS PUBLICADAS EM 5/8/45
1) Destemor-temor. 2) Quermesse-messe. 3) Púcro-carro. 4) Luminar-minar. 5) Desmentir-mentir. 6) Fânulo-nulo.

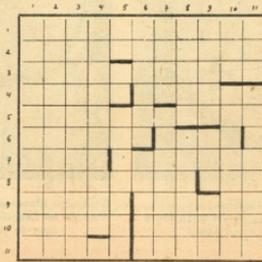
PASSATEMPO

Com as letras abaixo designadas, formar:

- 1) Povoação próximo de Lisboa: DIAS VELO
- 2) Estância de águas: O SUL
- 3) Uma povoação da região de Sintra: CALORES
- 4) Uma pequena praia portuguesa: PEÇO DUROS
- 5) Um país da América do Sul: A RAN TINGE
- 6) Vila do distrito de Beja: O QUE RIU

SOLUÇÃO DOS ANAGRAMAS PUBLICADOS EM 5/8/45

- 1) Santarém. 2) Paço de Arcos.
- SOLUÇÃO DAS PERGUNTAS
- 1) Traça-França. 2) Ul-Sul.



UM ASPECTO ÚTIL E PRÁTICO DA FEIRA POPULAR O GRANDE CARTAZ DE LISBOA

A Feira Popular — a grande iniciativa do «Século» a favor da sua simpática obra de assistência infantil, continua a ser o grande cartaz de Lisboa. «As suas inúmeras atrações são constantes e sempre renovadas, por forma que cada dia constituam um espectáculo sempre diferente e sempre novo. Mas a par do que all há de frívolo para distrair, existe também muito de útil para ver. E este é outro motivo de interesse do grande certame. São os estandes de exposições onde o nosso comércio e a nossa industria — expoentes do nosso valor económico — apresentam os seus melhores produtos de fabrico ou representação. O público deve visitá-los, aliando assim ao prazer de uma distração um sentido prático de maior e mais contagiosa utilidade.

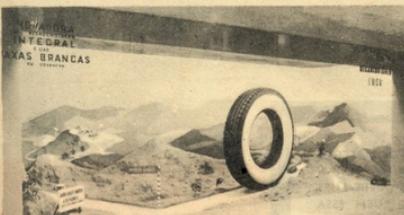
“STAND” SANOTÉCNICA



Nas grandes instalações hospitalares, para o seu trabalho de tratamento e cura, tem sempre um lugar de preferência e destaque o material «Sanotécnica» e o mobiliário «Adico», do que podem admirar-se alguns modelos expostos neste «stand», dos mais visitados da Feira Popular, e cuja venda em Lisboa é feita na SANOTÉCNICA, Ltd., Rua Nova do Almada, 61.

“STAND” M.^{ME} CAMPOS

Num «stand» de bom gosto, que é só por si uma afirmação de elegância, expõem os Produtos de Beleza Madame Campos as suas melhores criações. Este «stand», pela variedade e perfeição dos produtos de beleza que apresenta, pode considerar-se o ponto de paragem obrigatório das senhoras que visitam o certame de Pavalva. Está sempre cheio, marcando pela distinção da sua frequência. Na verdade, cada produto de beleza Madame Campos é uma tentação. Tanto pela sua qualidade como podem, na verdade, considerar-se tão bons como os melhores que se fabricam no estrangeiro. E de aí resulta, muito justamente, a preferência que lhes é dada por toda a mulher que hoje em dia sabe cuidar com requinte da sua elegância e da sua beleza.



“STAND” DA VULCANIZADORA DE COIMBRA

É este o outro dos «stand» mais visitados. É o Stand da Vulcanizadora de Coimbra, de José Custódio Gomes. — «Herançatagem Lusa» — localizada no Pavilhão do Século. «Lusa» é a marca que tem convencionado as descreitas da recauchutagem. Uma marca portanto que é uma autêntica garantia.



“STAND” A. MOLDER

NOTÁVEL, sob vários aspectos, a acção de divulgação artística da firma A. Molder, a conhecida casa da Rua 1.ª de Dezembro, 101, 2.ª, em Lisboa, onde se encontram por preços inferiores ao do seu real valor, os «Stand» de «Feira Popular» de alguns dos nossos melhores pintores. O seu «Stand», proporcionando a multidão que acorre ao espectáculo de Pavalva a oportunidade de conhecer algumas obras de arte e de, mais facilmente, suggestionado pela sua beleza, as poder admirar e adquirir.

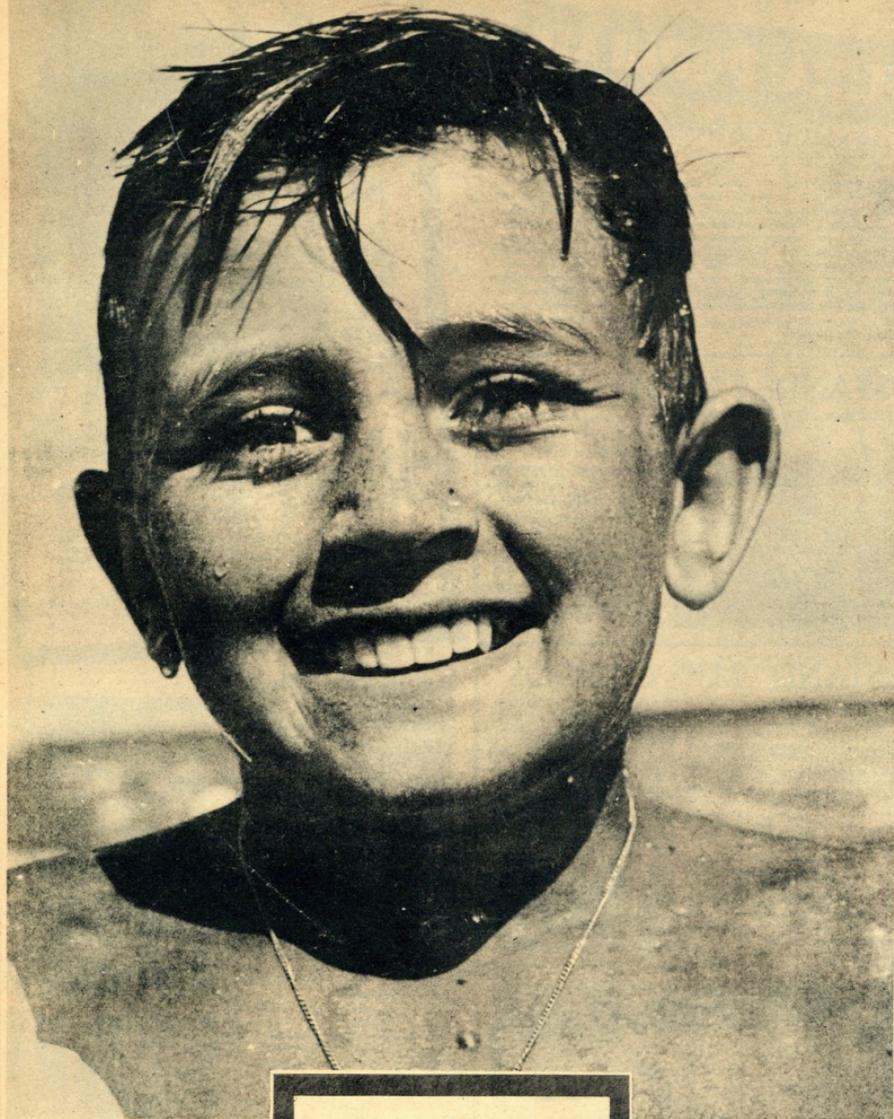
AS JANELAS DE PARIS JÁ TÊM VIDROS

COM os bombardeamentos, grande número de casas de Paris ficaram com as janelas sem vidraças. E como, por falta de matérias-primas, não se podiam fabricar vidros, as janelas permaneciam assim... Mas, pouco a pouco, a França retomou o trabalho, as fábricas de vidros começaram a produzir — e as casas mutiladas tornaram-se habitáveis.

Os vidros seguem logo, das fábricas, para os bairros sinistrados, onde os vidraceiros se vêm afitos para satisfazer os inúmeros pedidos.

Paris já tem vidros nas janelas. E oxalá, de futuro, outra coisa não haja a quebrá-los que as bolas de trapos dos alegres garçons parisiens





VIVE MESES A PENSAR NA ÉPOCA ALEGRE
DAS FÉRIAS JUNTO AO MAR. O SOL E A
ÁGUA SÃO A SUA ALEGRIA. QUERE-LHES
BEM — E AMBOS LHE RETRIBUEM ESSA
ESTIMA, PAGANDO-LHA EM ALEGRIA E
EM SAÚDE!